uma tarefa brutal realizada manualmente por uns poucos homens, cobertos da cabeça aos pés pelo produto que jorra descontroladamente do solo, como uma maldição.

Igualmente fantástica é a série que mostra a construção de um canal de irrigação na Índia. A obra — que pelo olhar do artista acabamos por associar às pirâmides egípcias ou à *Sagrada Família* de Gaudi — inclui 614 km de canal principal e mais 40.000 km de canais secundários. Foi iniciada em 1958 e chegou a envolver 40.000 pessoas. O trabalho é todo manual e ocupa muitas mulheres nas tarefas mais pesadas, não raro carregando seus bebês. Muitos têm suas vidas ligadas à construção do canal, que transformará o deserto em área verde.

Ao contrário de um livro de Administração, o livro de Salgado pode ser folheado de trás para frente, visto e revisto, lido e relido. Novos sentidos vão sempre aparecer. Mais que um livro de Administração, *Workers* fala simultaneamente à razão e à sensibilidade. Não focaliza apenas a riqueza e como gerá-la; mostra os quatro quintos do mundo que não a partilham. Salgado não fala de um mundo passado, mas de uma realidade presente, ainda que arcaica. Tampouco mostra uma civilização exótica e distante. *"O Haiti também é aqui!"*

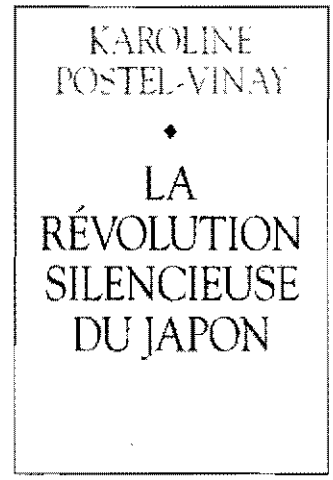
Lendo o livro, não há como evitar uma sensação da pequenez do nosso mundo organizacional, ao menos como geralmente o tratamos. Mas, ao mesmo tempo, ganhamos a dimensão fantástica de um mundo ignorado, da amplitude de uma realidade pouco mostrada, talvez por ser — antes de Salgado — não fotogênica.

Perguntado certa vez sobre que livros indicaria para alguém que quisesse se tornar um fotógrafo, Salgado respondeu: *"Um livro de economia mundial, um de antropologia e um de história. Um manual de fotografia? Bem, acho que não!"*

Sebastião Salgado une o equilíbrio visual e a composição — que Cartier-Bresson, por exemplo, trouxe da pintura — com uma tradição iniciada no começo do século. Uma herança que inclui os registros de Dorothea Lange sobre os efeitos da Depressão americana nos campos, utilizando a fotografia como vigoroso estímulo à geração de visões críticas da realidade. Salgado constrói sua narrativa em torno do conceito de ensaio, uma série de imagens girando em torno de um único assunto, como numa peça de teatro, contando uma história nem sempre linear, mas rica em símbolos e subjetividades. Tudo com imenso sentido de harmonia, equilíbrio e uma beleza nem sempre convencional.

Cartier-Bresson certa vez definiu fotografia como *"o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, da significação de um evento tanto quanto de uma precisa organização de formas que dá a esse evento sua expressão própria"*. Essa abordagem, para Salgado, resulta numa relação entre objeto e fotógrafo comparável a uma tangente perfeitamente equilibrada no topo de um círculo. Mas não se trata de um equilíbrio matemático e sim de um equilíbrio resultante de uma grande capacidade de intuição estética e dos símbolos ligados às formas, luzes e sombras, pressupondo uma relação de alteridade entre objeto e fotógrafo.

Prefaciando outro livro do autor, o jornalista Jânio de Freitas dizia que a câmara não fotografa o que o olho vê, mas o que a alma vê. E os olhos da alma são um confuso amálgama de talento, história pessoal, instinto, reflexos, convívio, raízes culturais e todo o inexplicável humano; um mistério impenetrável a que chamamos sensibilidade. Sebastião Salgado é um portador do mistério dessa arte.



LA RÉVOLUTION SILENCIEUSE DU JAPON

de **KAROLINE POSTEL-VINAY**
França: Calmann-Lévy/Fondation Saint-Simon, 1994, 205p.

por **Gilmar Masiero**, Pesquisador e Professor da Universidade Estadual de Maringá, PR.

O Japão é um dos países não ocidentais mais profundamente inspirado nos modelos de desenvolvimento euro-americanos. *"O Japão é o único membro não ocidental do Grupo dos Sete. Engajou-se igualmente, desde 1952, numa estreita aliança com os Estados Unidos, cuja proteção militar foi necessária, uma vez que, em sua Constituição havia renunciado a fazer guerra. Gigante econômico, o arquipélago permaneceu por muito tempo um anão político, colocado de facto em situação de dependência frente a Washington"*.

É esse Estado e essa nação que são discutidos, de um ponto de vista francês, por Karoline Postel-Vinay, diplomada pelo Instituto Nacional de Línguas Orientais, e que viveu vários anos no Japão. Durante essa vivência, além de ter sido pesquisadora convidada da Universidade Nacional de Tóquio, contribuiu em várias obras coletivas, nas áreas de política internacional e diplomacia. Nesta última, seguindo a tradição dos realizadores da revolução burguesa, a autora apresenta algumas, e insinua outras, sempre novas e interessantes imagens e facetas de um mesmo fenômeno.

Novas imagens ou facetas sempre são possíveis em todo discurso da e sobre a temática da alteridade. Essa temática, nos dias de hoje, tornou-se uma obsessão européia contraposta a correntes de pensamento que pregam o fim da história, o fim da ideologia etc. Contraposições como as discutidas em *Figures de l'altérité* (Baudrillard e Guillaume, 1994) são o espaço teórico preferencial de Karoline Postel-Vinay ao analisar o desenvolvimento da sociedade japonesa em seus aspectos políticos e sociais.

O desenvolvimento da sociedade japonesa é discutido em três grandes blocos, subdivididos em vários itens da seguinte maneira. O primeiro bloco ou parte aborda "O estrangeiro visto pelos japoneses ou O fim de um mito" pela discus-

são do "Ocidente familiar e exótico" e de um "Novo estrangeiro". Na análise do primeiro item são consideradas as "Influências ocidentais" e o questionamento da figura do "*Gaijin* ou O mito do homem branco no Japão". No segundo bloco a autora procura ir "Mais além do Ocidente" para retratar o "Anacronismo do *gaijin*".

Essa primeira parte procura caracterizar uma constante busca de identidade por parte da sociedade japonesa. Caracteriza um esforço social de busca de um modelo próprio de comportamento internacional menos confundido com os modelos ocidentais, mais precisamente com o norte-americano, nos anos posteriores a 1945. Segundo Karoline, a importância dada pelos japoneses ao Ocidente, ao seu mundo exterior, tem se modificado e se transformado ao longo do tempo não só em função dos usuais deslocamentos geográficos da cartografia mundial, mas também devido a um certo modo de se relacionar com o outro. Relação esta sempre possível de variadas formas, mesmo quando não são claras não só a identidade dos outros como a nossa própria identidade.

A tentativa de delimitação da própria identidade em relação à dos outros, no caso japonês, é empreendida pela autora na segunda parte de seu livro, em que apresenta "Os japoneses narrados por eles mesmos: a utilização do discurso insular". No item "Eles e nós", discute a "Invenção da insularidade" e o "Postulado da unidade", e , no item seguinte, denominado "Novos reconhecimentos", discute "A chamada da Ásia" e "O renascimento do espaço principal". Em todos estes itens, a autora procura demonstrar a instabilidade da demarcação da identidade japonesa contraposta ao Ocidente e a sua fragilidade quando caracterizada pelos reducionismos e particularismos culturais divulgados de maneira emocional pelos partidários do *nihonjin-ron*.

Sob a denominação de *nihonjin-ron* enquadram-se todos os divulgadores do Japão, como sendo uma sociedade diferente das demais e calcada em seus particularismos culturais. A tese da singularidade cultural japonesa, embora tenha ganhado grande aceitação popular devido à sua simplicidade argumentativa e a seus fortes contornos emocionais, não tem resistido à veracidade científica. Essa não sustentação de uma identidade japonesa calcada em particularidades culturais tem levado um número crescente de japoneses a perceberem que o problema não é afirmar-se uma hipotética singularidade do povo japonês, mas sim dar um sentido à efetiva relação entre o país e o resto do mundo.

A busca de sentido dessa relação é discutida na última parte do livro de Karoline, em que "Os japoneses e o cenário mundial ou O fim da exceção nipônica" são considerados nos itens: "Os estrangeiros na ilha" e "O futuro de uma nação insular". Nesta parte do livro, a abertura ou o fechamento do Japão para o resto do mundo é rediscutida a partir de sua forte presença econômica no cenário internacional neste final de século XX. Não apenas se apresentam as influências internacionais sobre o comportamento japonês, sumarizadas na expressão *gaiatsu* (pressões externas), como também se menciona a tensão existente entre modelos de desenvolvimento diferenciados. Ao longo de toda a argumentação, de forma mais implícita que explícita, a autora salienta seu desejo de que o Japão se assuma como um Estado/nação, a exemplo dos países ocidentais.

Em todo o livro, Karoline Postel-Vinay demonstra profundo conhecimento da sociedade japonesa. Demonstra também grande habilidade acadêmica ao contrapor fatos e idéias sobre o desenvolvimento da sociedade japonesa às percepções que os próprios possuem de si mesmos, ou às percepções que seus vizinhos asiáticos ou ocidentais possuem daqueles 126 milhões de habitantes. Esse conhecimento e essa habilidade devem ser conferidos por todos os interessados no desenvolvimento da economia e da política mundiais, como também pelos estudiosos e políticos mais interessados em seus próprios países mas que, quer queiram ou não, possuem alguma forma de inter-relacionamento com a segunda economia do mundo.

Embora o livro tenha sido produzido para o público europeu, em especial, o francês, deve ser examinado por todos os interessados. Espera-se, porém, que esse exame seja realizado da forma mais despretensiosa possível, e não eurocentrada, como faz a autora, para que a reflexão estruturada da alteridade permita espaços de pensamento heterogêneos e livres entre dois, sejam estes eu e você ou o Ocidente e o Oriente.



FUTURE TENSE: THE BUSINESS REALITIES OF THE NEXT TEN YEARS

de **IAN MORRISON e GREG SCHMID**
New York: William Morrow and Company, 1994, 304p.

por **Cristiano Lúcio de Souza**, Bacharel em Administração e Administrador do Instituto Estadual de Desenvolvimento de Recursos Humanos, Belo Horizonte, MG.

O *Institute for the Future* (IFTF), nos Estados Unidos, é uma organização de pesquisa que se dedica a observar questões estratégicas do futuro, analisando grandes volumes de dados e promovendo debates com especialistas. Trata-se de um instituto de pesquisa internacionalmente reconhecido que, desde 1968, tem prestado o ines-